

ESTUDOS DE CULTURA MATERIAL/DOSSIÊ

Produzir, acumular e transmitir conhecimentos no império português: práticas materiais, artefatos visuais e criatividade

## **Introdução do dossiê “Produzir, acumular e transmitir conhecimentos no império português: práticas materiais, artefatos visuais e criatividade”**

*Introduction to the dossier “Producing, accumulating and transmitting knowledge in the Portuguese empire: material practices, visual artifacts and creativity”*

**IRIS KANTOR**

<https://orcid.org/0000-0003-4626-168X>

Universidade de São Paulo / São Paulo, SP, Brasil

**GISELE CRISTINA DA CONCEIÇÃO**

<https://orcid.org/0000-0002-2251-805X>

Universidade do Porto / Porto, Portugal

KANTOR, Iris; CONCEIÇÃO, Gisele Cristina da. Introdução do dossiê “Produzir, acumular e transmitir conhecimentos no império português: práticas materiais, artefatos visuais e criatividade”. *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*, São Paulo, v. 32, p. 1-8, 2024.

DOI: <https://doi.org/10.11606/1982-02672024v32e37>

1. Cf. Curto (2009), Findlen *et al.* (2018), Latour (1986), Schaffer e Steven (2009) e Smith (2004).

2. Aproveitamos para agradecer e divulgar as sessões *online* das jornadas, disponíveis no canal da Cátedra Jaime Cortesão: <https://www.youtube.com/watch?v=1CxAu4DmC58>; <https://www.youtube.com/watch?v=uvYgC1WTfcQ> e <https://www.youtube.com/watch?v=xFYVDCEdJVo>.

3. Nesse sentido, convém destacar a importância do movimento ibero e latino-americano no recentramento da historiografia sobre a ciência nos contextos dos impérios modernos: cf. Cañizares-Esguerra (2006), Dantes (1995, 2007), Kantor e Haddad (2021), Lafuente, Alonso e Rodríguez (2013), Lafuente *et al.* (2012), Lafuente e Sala Catala (1989) e Silva (2014).

4. Holanda (1994), também cf. Pratt (1991).

Nas últimas duas décadas, a historiografia das ciências nos impérios modernos tem acentuado o papel dos artefactos visuais, dos agentes e dos suportes materiais na construção da cultura científica moderna.<sup>1</sup> Este dossiê temático, intitulado *Produzir, acumular e transmitir conhecimentos no império português: práticas materiais, artefatos visuais e criatividade*, explora a complexa rede de atores que permitiu a circulação dos conhecimentos entre os domínios portugueses e a metrópole, com especial ênfase no século XVIII. Por intermédio de uma série de estudos de casos, os autores identificaram a rede de agentes – naturalistas, médicos, missionários, cartógrafos e comunidades locais – engajados na disseminação de saberes que conectavam as diferentes partes do império português, e inseriam Portugal num circuito global.

As relações entre a historiografia da cultura (visual e material) e a história da ciência encontram um ponto de convergência nos estudos aqui apresentados, reforçando as linhas de pesquisa desde há muito cultivadas pelo Museu Paulista. Nesse sentido, convém destacar a importância das abordagens pioneiras de Sérgio Buarque de Holanda e de Ulpiano Bezerra de Meneses no que tange à valorização da cultura material, visual e dos saberes técnicos. Não por acaso, escolhemos os *Anais* para ampliar os resultados da Jornadas realizadas *online*, em 4 e 5 de fevereiro de 2021, durante a pandemia de covid-19, pelo *Laboratório de Estudos de Cartografia Histórica* ([cartografiahistorica.usp.br](http://cartografiahistorica.usp.br)), sediado na Cátedra Jaime Cortesão.<sup>2</sup>

Para além dos estudos clássicos de Sérgio Buarque de Holanda que retomamos aqui, também vale mencionar a crítica feita pela historiografia latino-americana e pelos estudos que promoveram a quebra do paradigma difusionista, redimensionando o protagonismo das sociedades não europeias na formação da ciência na época moderna.<sup>3</sup> Nos últimos anos, questões de gênero, raça e classe social voltaram a pautar o debate entre historiadores e historiadoras, ampliando as problemáticas propostas nos anos oitenta e noventa. O centro do debate historiográfico deslocou-se para a compreensão das “zonas de contato”, conforme propôs Mary Louise Pratt em 1991. Foi justamente nessas *zonas* ou *áreas de sociodiversidade*, que se promoveram os encontros, frequentemente assimétricos e coercitivos entre comunidades de saber locais, colonos e autoridades. Conforme demonstrou pioneiramente Sérgio Buarque de Holanda no livro *Caminhos e fronteiras*, publicado em 1956, os portugueses se apropriaram das técnicas indígenas milenares não só para garantir a sua sobrevivência física, mas também porque o seu domínio era condição para o acesso aos recursos naturais e à mão de obra.<sup>4</sup> Nessa perspectiva, os artigos aqui publicados situam a complexidade em jogo na produção dos conhecimentos úteis a partir do diálogo, seja com as artes visuais e seja com a economia. Concentramo-nos em dar o devido relevo às interações entre diferentes atores envolvidos na tradução dos modelos europeus para os povos nativos, e vice-versa. Com efeito, as práticas de observação, coleta, visualização gráfica, classificação e catalogação do mundo natural deflagraram uma dinâmica multivalente, assumindo sentidos diversos para os atores e grupos

sociais nela implicados.<sup>5</sup> A criação de novos saberes produzidos em situação colonial é uma das dimensões que desejamos enfatizar, uma vez que o processo colonizador acirra os tensionamentos, ao mesmo tempo que aprofunda as interdependências, propiciando a construção de um novo léxico e de novas práticas, conforme apontam diferentes historiadores e historiadoras.<sup>6</sup>

Os artigos aqui reunidos exploram desde o peso da cultura escrita na difusão do conhecimento filosófico-natural, até a participação indígena na produção de mapas e representações visuais, passando pelas práticas médico-cirúrgicas e pela exploração de recursos naturais aquáticos. Cada estudo revela como os processos de produção e circulação de conhecimento no império português não eram operações de apropriação unilateral, mas resultado de interagências. Assim, o dossiê examina a criatividade técnica e as práticas materiais que não apenas sustentavam as estruturas imperiais, mas também transformavam os domínios em laboratórios a céu aberto, para usar uma expressão de Kapil Raj.<sup>7</sup>

Em seu conjunto, os estudos buscam compreender como as práticas materiais e os artefatos visuais foram instrumentos fundamentais na formação de redes de conhecimento que desafiaram as fronteiras geográficas e sociais, propiciando uma economia da informação que fluía em múltiplas direções.<sup>8</sup> O dossiê, portanto, destaca a criatividade e as formas de resistência que permeavam a produção e a acumulação de conhecimentos em diferentes pontos do império colonial.

Em *Cultura escrita e práticas sociais: a natureza do conhecimento filosófico-natural produzido nos espaços coloniais do Império Atlântico português* (século XVIII), Gisele Cristina da Conceição explora a produção de conhecimento filosófico-natural durante o século XVIII, especialmente no contexto das políticas imperiais que visavam explorar e compreender o potencial econômico dos recursos naturais. A autora investiga como a filosofia natural, enquanto campo de estudo, foi moldada pelas interações entre instituições metropolitanas e coloniais e pelos agentes envolvidos, tanto oficiais quanto não oficiais. A cultura escrita é apresentada como um meio crucial para a circulação de ideias, além de um instrumento de mobilidade social para alguns agentes. Ao analisar as práticas de produção e controle de conhecimento, o artigo busca compreender o impacto social do saber filosófico-natural nas relações entre o Brasil colonial e Portugal. A partir de documentos históricos, o estudo ressalta como o conhecimento produzido ajudou a reforçar a legitimidade das estruturas coloniais e permitiu que agentes locais estabelecessem posições de prestígio social e intelectual.

Em um diálogo próximo, Breno Leal Ferreira com o texto *Delimitando o humano: João de Loureiro, Alexandre Rodrigues Ferreira e o debate sobre as fronteiras entre seres humanos e outros animais na segunda metade do século XVIII*, investiga o debate sobre a distinção entre humanos e outros animais, focando-se nas contribuições dos naturalistas lusófonos João de Loureiro e Alexandre Rodrigues Ferreira. O

5. Cf. Bracht, Conceição e Polónia (2018), Leong (2018, 2022), Polónia (2018) e Schiavinatto (2022).

6. Cf. Kantor e Cruz (2022), Kury (2007), Palladino (2018), Raj (2007), Schiebinger (2014) e Secord (2004).

7. Raj (2007).

8. Cf. Faria (1999), Figueirôa e Lopes (1995) e Pataca e Luna (2019).

estudo contextualiza a discussão científica sobre a “história natural do homem”, na qual se questionava se humanos e animais como os orangotangos compartilhavam características biológicas significativas. A análise aborda o confronto entre as ideias de Lineu, que propôs uma espécie humana intermediária, e Buffon, que defendia uma diferenciação clara entre humanos e macacos. Loureiro e Ferreira criticaram as teorias que sugeriam a existência de múltiplas espécies humanas ou de descendência híbrida entre humanos e macacos, utilizando representações visuais para sustentar suas posições. O artigo, assim, oferece uma reflexão sobre as fronteiras entre o humano e o animal, bem como sobre o papel das imagens na consolidação das ideias científicas da época.

Nina Vieira, Ana Catarina Garcia e Cristina Brito aprofundam essa perspectiva do diálogo entre a agência humana e não humana no artigo *Manatins e tartarugas no Brasil colonial (XVI-XVIII): apropriação, extrações, consumos e teleconexões oceânicas*. As autoras abordam a exploração de espécies aquáticas, como manatins e tartarugas, durante o período colonial brasileiro, destacando a percepção europeia de abundância de recursos naturais e seu impacto nas práticas de subsistência e comércio. O artigo analisa como a exploração dessas espécies foi moldada pelas interações entre colonizadores e populações indígenas, que já utilizavam esses animais para alimentação, confecção de utensílios e outras práticas culturais. O conceito de *teleconexões oceânicas* é introduzido para descrever as redes de exploração que conectaram o Atlântico e impactaram ecossistemas locais. Esse estudo contribui para a compreensão das consequências ambientais e sociais da exploração de recursos naturais no período colonial, refletindo sobre as implicações para os ecossistemas costeiros e marinhos.

Numa perspectiva centrada na História Social das ciências, Fabiano Bracht nos leva para a Índia portuguesa e o Índico com o artigo *Artefatos de conhecimento e redes de circulação no Império português setecentista: entre as instituições e os processos auto-organizados*. Bracht examina o desenvolvimento das redes de produção e circulação de conhecimento no Império português, com foco nos artefatos de História Natural e nos agentes responsáveis por sua disseminação. O estudo revela como o contexto social e as hierarquias do Antigo Regime influenciaram o valor atribuído ao conhecimento produzido por agentes informais, discutindo as dinâmicas de cooperação entre redes auto-organizadas e instituições imperiais. O estudo contribui para História do conhecimento conforme proposto por Jürgen Renn, destacando o impacto social provocado pela criação de uma rede global de saber. Essa análise amplia a compreensão sobre a circulação dos conhecimentos científicos e técnicos e o papel das redes imperiais na criação de uma economia do conhecimento no século XVIII.

Na mesma perspectiva, Monique Palma foca-se na circulação de conhecimentos médico-cirúrgicos entre Brasil e Portugal no século XVIII, discutindo como as práticas médicas locais e europeias interagiram nesse período. *Circulação*

*de conhecimento e práticas médico-cirúrgicas entre Brasil e Portugal no período setecentista* analisa uma lista de botica e de instrumentos de cirurgia enviados de Portugal para a América portuguesa, comparando-a com o conteúdo do tratado médico-cirúrgico “Erário mineral” de Luís Gomes Ferreira, publicado em 1735. Por meio desse cruzamento, o artigo explora o contexto colonial, evidenciando também sua repercussão nas práticas e na formação dos agentes de saúde.

Este Dossiê chega a bom porto com uma análise fundamental feita por Júnia Ferreira Furtado e Artur Henrique Barcelos no artigo *O Terrarum S. Michaelis do padre Tadeu Henis: um mapa missioneiro e seus cartógrafos Guarani*. Os autores analisam o mapa *Terrarum S. Michaelis Oppidi Americae Meridionalis*, produzido nas Reduções jesuíticas por Tadeu Henis com a colaboração de cartógrafos Guarani. O estudo investiga a formação cartográfica dos Guarani, seus papéis nas demarcações territoriais pós-Tratado de Madri (1750) e o conhecimento geográfico que possuíam. Ao discutir o conceito de autoria cartográfica, o artigo argumenta que a agência indígena é visível nas representações espaciais e na toponímia Guarani, usadas para reafirmar direitos ancestrais sobre o território. A análise contribui para a compreensão do papel ativo dos Guarani na produção de mapas e na preservação de sua identidade cultural.

O Dossiê evidencia a complexidade das dinâmicas de produção, circulação e transmissão dos conhecimentos multifacetados no âmbito do império português, destacando a importância das interações dos atores sociais. As análises das redes de colaboração sugerem que o conhecimento acumulado não dependia apenas da iniciativa das instituições e dos agentes formais, mas também das redes informais e auto-organizadas que permitiram a construção de uma esfera de convivência que em muitos casos produziu efeitos imprevistos aos olhos das autoridades coloniais. As práticas materiais, os artefactos visuais e a *expertise* técnica examinadas neste dossiê demonstram as múltiplas formas de adaptação às circunstâncias locais, adequações que redimensionavam o próprio entendimento metropolitano sobre os limites de sua atuação. Nesse sentido, buscamos identificar as linhas de força que modelaram as práticas científicas e a cultura material e visual a ela relacionadas, ao longo da época moderna.<sup>9</sup>

## **SOBRE AS AUTORAS**

### **Iris Kantor**

Professora do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), coordenadora do Laboratório de Estudos de Cartografia História da Cátedra Jaime Cortesão,

membro do Conselho Editorial do E-Journal of Portuguese History da Universidade de Brown, foi professora visitante na EHESS (Paris) e na Universidade de Stanford (Tinker visiting Scholar). É membro correspondente do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro. E-mail: ikantor@usp.br.

### **Gisele Cristina da Conceição**

Doutora em História pela Universidade do Porto, Portugal. Entre 2018 e 2020 foi pesquisadora do Programa de Pós-Doutorado do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP-FFLCH), com bolsa Fapesp. Pesquisadora integrada do Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória (Citcem), Universidade do Porto, Portugal. E-mail: giseleconceicao@gmail.com.

## **REFERÊNCIAS**

BRACHT, Fabiano; CONCEIÇÃO, Gisele C.; POLÓNIA, Amélia (ed.). *Connecting worlds: production and circulation of knowledge in the First Global Age*. Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars Publishing, 2018.

CAÑIZARES-ESGUERRA, Jorge. *Nature, empire, and nation: explorations of the history of science in the Iberian world*. [S. l.]: Stanford University Press, 2006.

CURTO, Diogo Ramada. *Cultura imperial e projetos coloniais*. Campinas: Unicamp, 2009.

DANTES, Maria Amélia M. Integrando o Brasil à América Latina: um movimento da historiografia dos anos de 1980. In: ANDRADE, Ana Maria Ribeiro de (org.). *Caminho para as estrelas: reflexões em um museu*. Rio de Janeiro: Mast, 2007. p. 112-125.

DANTES, Maria. Relações científicas e tradições científicas locais: modelos institucionais no Brasil no final do século XIX. In: GOLDFARB, Ana M.; MAIA, Carlos A. (org.). *História da ciência: o mapa do conhecimento*. São Paulo: Edusp, 1995.

FARIA, Miguel Figueira de. Da facilitação e da ornamentação: a imagem nas edições do Arco do Cego. In: CAMPOS, Fernanda Maria Guedes de et al. (org.). *A Casa Literária do Arco do Cego, 1799-1801*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1999. p. 107-137.

FIGUEIRÔA, Sílvia F. de M.; LOPES, Maria Margaret (org.). *Geological sciences in Latin America*. Campinas: Unicamp, 1995.

FINDLEN, Paula (ed.). *Empires of knowledge: scientific networks in the early modern world*. New York: Routledge, 2018.

HADDAD, Thomás A. S.; SILVA, Matheus Alves Duarte da; RAJ, Kapil Raj (ed.). *Beyond science and empire: circulation of knowledge in an age of global empires, 1750-1945*. Abingdon: Routledge, 2023.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Caminhos e fronteiras*. 3. ed. São Paulo: Cia. das Letras, 1994.

KANTOR, Iris; CRUZ, Milena N. Ethno-geographies in the making of enlightenment cartography: the mural maps of Jean Janvier and Sébastien-G. Longchamps (1754). *Journal18: Eighteenth-Century Art and Culture Journal*, v. 13, p. 1-12, 2022.

KANTOR, Iris; HADDAD, Thomás A. S. Mapping skies and continents: the production of two Portuguese scientific atlases in the era of Napoleonic expansion (1799-1813). *Culture & History Digital Journal*, v. 10, e020, 2021.

KURY, Lorelai. *Iluminismo e Império no Brasil: o patriota (1813-1814)*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2007. v. 1, 200 p.

LAFUENTE, Antonio *et al.* *Las dos orillas de la ciencia: la traza pública e imperial de la ilustración española*. Madrid: Marcial Pons, 2012.

LAFUENTE, Antonio; ALONSO, Andoni; RODRÍGUEZ, Joaquín. *¡Todos sabios!: ciencia ciudadana y conocimiento expandido*. Madrid: Cátedra, 2013.

LAFUENTE, Antonio; SALA CATALA, José. Ciencia colonial y roles profesionales en la América española del siglo XVIII. *Revista Latinoamericana de Historia de las Ciencias y la Tecnología – Quiju*, v. 6, n. 3, p. 387-403, 1989.

LATOUR, Bruno. Visualisation and cognition: thinking with eyes and hands. *In: KUKLICK, Henrika (ed.). Knowledge and society: studies in the sociology of culture past and present*. Greenwich: Jai Press, 1986.

LEONG, Elaine. *Recipes and everyday knowledge: medicine, science and the household in early modern England*. Chicago: University of Chicago Press, 2018.

LEONG, Elaine. Translating medicine across premodern worlds. *Osiris*, v. 37, 2022.

PALLADINO, Paolo S. A. Transhumance revisited: on mobility and process between ethnography and history. *Journal of Historical Sociology*, v. 31, n. 2, p. 175-184, 2018.

PATACA, Ermelinda; LUNA, Fernando. *Frei Veloso: Tipografia do Arco do Cego*. São Paulo: Edusp, 2019.

POLÓNIA, Amélia. Women as go-betweens in processes of cultural encounters: the portuguese overseas empire case study (1500-1700). *In: BRACHT, Fabiano; CONCEIÇÃO, Gisele C.*

POLÓNIA, Amélia (ed.). *Connecting worlds: production and circulation of knowledge in the first global age*. Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars Publishing, 2018.

PRATT, Mary Louise. *Arts of the contact zone*. New York: Modern Language Association, 1991.

RAJ, Kapil. *Relocating modern science: circulation and the construction of knowledge in South Asia and Europe, 1650-1900*. New York: Palgrave Macmillan, 2007.

SCHAFFER, Simon *et al.* (ed.). *The brokered world: go-betweens and global intelligence, 1770-1820*. Sagamore Beach: Science History Publications, 2009.

SCHIAVINATTO, Iara Lis Franco. *Visibilidade e poder: ensaios sobre o mundo lusófono, 1770-1840*. Campinas: Unicamp, 2022.

SCHIEBINGER, Londa. *Women and gender in science and technology*. New York: Routledge, 2014.

SECORD, James A. Knowledge in transit. *Isis*, v. 95, n. 4, p. 654-72, 2004.

SILVA, Márcia Regina Barros da. História e historiografia das ciências latino-americanas: Quipu (1984-2000). *Revista Brasileira de História da Ciência*, v. 7, p. 47-57, 2014.

SMITH, Pamela H. *The body of the artisan: art and experience in the scientific revolution*. Chicago: University of Chicago Press, 2004.



All the contents of this journal, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution License